

## A expressividade do brasileiro

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** Conferência (27-02-13) para bolsistas norte-americanos da Fundação Fulbright, recém chegados ao Brasil. Para além de generalizações e estereótipos, o artigo propõe uma abordagem centrada em fenômenos de linguagem e aberta a outras formas de comportamento: algumas constantes e *vigencias* (Ortega) da comunicação do “brasileiro”. Já clássicos como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda indicam a linguagem como uma chave para a interpretação do Brasil. Na linguagem de David Keirse, destacam-se os fatores F e P como características do tipo “brasileiro”.

**Palavras Chave:** Brasil. Interpretação do “brasileiro”. Linguagem.

The Brazilian Communication Style

**Abstract:** Lecture on Brazilian communication style to Fulbright scholarship students just arrived in Brazil. Avoiding stereotyped images, the article proposes a language centered approach but includes other forms of behavior: some “types” and *vigencias* (Ortega) of Brazilian way of communicating. Already classical scholars like Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda have pointed out that language is an important key in the interpretation of Brazil. Speaking in David Keirse’s language, “Brazilian” type include preferences F and P.

**Keywords:** Brazil. Interpretation. Language. Brazilian style.

### 1. O “brasileiro” como tipo. A linguagem como chave

Primeiramente, quero agradecer a nossa coordenadora, Patrícia Grijó, pelo convite para este encontro, tão honroso para mim: também pelo fato de ser o primeiro evento de vocês em terras brasileiras. Agradeço também à Luana Smeets e à Nicole Paschoini pela competente assistência.

Naturalmente, falar de “o brasileiro”, assim sem mais, seria um *nonsense* metodológico: não existe uma uniformidade num país de dimensões continentais, de vocação multicultural etc. E cada indivíduo é o que é. Vamos falar de “o brasileiro” – com as devidas ressalvas – do procedimento tipológico, válido em sociologia e antropologia, como o fazem clássicos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda. Naturalmente, só alguns poucos aspectos, que é o que cabe em um encontro como este, sobre um tema tão vasto e com o qual vocês devem ter já muitas horas de estudo. Nossas observações, muitas vezes estarão ligadas à linguagem e, por vezes, serão meros indicadores para o espaço dedicado à discussão.

Assim, examinaremos certas “constantes”, sobretudo aquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset chama de *vigencias*, atitudes e expectativas que são correntes e que, numa sociedade, “*se dan por supuesto*”, *taken for granted* (tendo sempre em conta que não são absolutas e admitem exceções, por vezes muito sutis, para as quais, em alguns casos, chamaremos a atenção). Um exemplo de *vigencia* é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a *vigencia* alimentar impôs até o nome de “*café da manhã*” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis em qualquer padaria da esquina.

---

<sup>1</sup>. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

Esta exposição estará centrada na linguagem e, para isso, é oportuno recordar um princípio metodológico da antropologia, que remete a um grande pré-socrático.

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “- E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas... A sentença de Heráclito esconde em si algumas surpresas. Aliás, é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder. A realidade que buscamos está escondida: daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até essa realidade que desceu e não está visível. A realidade do “brasileiro” nem sempre se deixa apanhar diretamente; ela “desce” e se “esconde”, transforma-se em... linguagem e instituições. E é examinando esses “sítios” que podemos “subir”, recuperar a realidade antropológica que nos interessa. É o método proposto pelo filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper, grande mestre da antropologia filosófica<sup>2</sup>

## 2. Ainda a metodologia: a tipologia de David Keirsey aplicada ao “brasileiro”

Vocês sabem que no passado mês de dezembro, disputou-se no Japão o campeonato mundial de clubes de futebol. Participou, como campeão da América do Sul, o Corinthians, um time imensamente popular de São Paulo, que conta com 30 milhões de torcedores, conhecidos por seu fanatismo (autodenominam-se “bando de loucos”) e por pertencerem, geralmente, às camadas mais pobres da população. Embora sempre muito vitorioso no Brasil, o Corinthians tem poucos títulos internacionais e a possibilidade de ganhar o mundial mobilizou seus torcedores.

Ciente da realidade do choque cultural e preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigiam ao Japão poderiam sofrer por conta das diferenças de cultura, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebia. Apesar do que digam as torcidas adversárias, a cautela não se aplica propriamente ao Corinthians, mas aos brasileiros em geral.

Assim, é como se oficialmente o governo assumisse a validade dos tipos e vigências<sup>3</sup>. Contando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos aos tipos nacionais (ou às *vigências* nacionais), a tipologia de David Keirsey<sup>4</sup>, um instrumento de análise do destacado psicólogo americano, originalmente desenvolvido somente para classificação de temperamentos de indivíduos...

Advirta-se, desde já, que esses tipos (pessoais ou “nacionais”) são destituídos de qualquer carga de valor: não é melhor nem pior ser ESFP ou INTJ; ser NF ou SJ; etc. Em todos e cada um deles pode-se ser gênio ou tolo; santo ou pecador etc. E todos têm suas qualidades e disfunções “típicas”...

Keirsey, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

---

<sup>2</sup> Para o método de Pieper, cf. Lauand, J. “Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper” <http://www.hottopos.com/videtur29/ljargport.htm>.

<sup>3</sup> Essa cautela não é de modo algum dispensável. Ainda hoje estamos sob o impacto da morte do jovem boliviano, em 13/2/2013, vitimado por um artefato pirotécnico letal disparado por um torcedor durante o jogo Corinthians x San José em Ururo.

<sup>4</sup> Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (preferência J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseiano, já se vê imediatamente que o famoso “jeitinho” brasileiro, a capacidade de improvisação que sempre encontra uma solução para situações insolúveis, tem um componente essencial no fator P: prevalecer a solução improvisada, à margem da norma ou da lei. Uma avenida com quatro pistas subitamente passa a ter três: os motoristas da quarta pista, com a maior naturalidade, se arranjam com os da quinta e tudo se resolve sem maiores dificuldades (o que em outros países seria um problema de proporções enormes). De passagem, note-se que um interessante indicador de nossa linguagem do jeito é o uso de “meio”, em expressões como: “É meio contra-mão, mas, nesta hora da noite, tudo bem”. O motorista nem sempre respeita a faixa; o pedestre nem sempre atravessa pela faixa (em todo caso, simula dar uma corridinha, como mostra de boa vontade...).

A abertura do Guia é já uma advertência de que o “japonês” é muito distinto do “brasileiro”:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T (Feeling / Thinking), é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



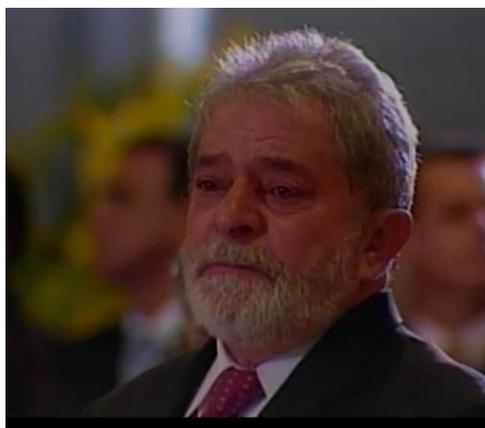
Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”

A diferença F x T aparece claramente nos estilos dos presidentes Lula e Dilma, respectivamente. Quando morreu o vice-presidente José de Alencar, ambos antecipam apressadamente a volta do exterior e chegam juntos ao velório do amigo, muito querido de ambos. No caso de Lula, emoção e sentimento a jorros; Dilma, permanece contida e discreta. Cf: [https://www.youtube.com/watch?v=T\\_Ip1TjyZpw](https://www.youtube.com/watch?v=T_Ip1TjyZpw)

Ambos gozam de altíssimos índices de popularidade: Lula identificando-se com a vigência F do brasileiro; Dilma, vista como a gerentona T que pode implacavelmente endireitar este país...



O fator F será a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc. Um conhecido nosso foi pilhado certa vez na contra mão (ou “meio” contra mão..”) de um acesso à Av. Bandeirantes e sem cinto de segurança e a multa parecia inevitável. Nada a perder, ele pôs a melhor cara de transtornado: “Desculpe, seu guarda, mas é que estou indo ver minha sogra, que entrou na UTI, e estava um pouco desatento...”. Por sorte, o guarda (com polícia feminina, ele nem teria tentado, elas são inflexíveis) se comoveu e ficou só numa “áspera” repreensão verbal.

### **3. O brasileiro, ESFP: abordagem pessoal, espontaneidade e improvisação**

Na verdade, na tipologia de Keirsey, o brasileiro corresponde ao temperamento SP<sup>5</sup>: vive no presente, para o aqui e agora, movido pela ação e por impulsos (e não pelo dever ou normas como os SJ), improvisador, brincalhão e... nas disfunções – todos os tipos as têm – imaturo, infantil e irresponsável. Junte-se a isso a extroversão (E) e teremos o tipo ESFP.

---

<sup>5</sup>. S de *sensible*.

Estabelecidas as bases tipológicas, indicaremos a seguir diversas características do brasileiro, ESFP.

Uma das principais dificuldades que o estrangeiro pode encontrar no Brasil é a da interpretação de afirmações de seus interlocutores, aparentemente claras e inequívocas. É que por conta dessa aversão ao planejamento, típica do SP, unida à amabilidade da sensibilidade do *approach* F, que não quer desagradar a pessoa com quem está conversando, o estrangeiro fica desorientado ao constatar que um “sim” seja, muitas vezes, na realidade, “não”.

Por não entender as razões F dessa atitude (e outras...) – cuja intenção, afinal, é a de agradar o interlocutor – muitos estrangeiros classificam apressadamente o brasileiro como não sério. Teve enorme sucesso na década de 60, a sentença, atribuída ao Gal. De Gaulle: “*le Brésil, ce n’est pas un pays sérieux*”. Note-se, de passagem, que um dos esportes nacionais é falar mal do próprio Brasil, dos fiascos tupiniquins (Mas, cuidado! Isto não é permitido para estrangeiros, sobretudo para os máximos rivais, os argentinos...).

Permitam-nos uma típica piada nesse sentido: a do inferno brasileiro, presente em milhares de sites da Internet!

O infeliz pecador morreu e foi parar na porta do Inferno. Lá um capetinha auxiliar lhe fez a seguinte pergunta:

– Você quer ir pro inferno brasileiro ou para o inferno americano?

E o infeliz, pergunta:

– Qual é a diferença?

– Bom. Existe um muro que separa os dois infernos. No inferno brasileiro, você terá que comer uma lata de 20kg de merda no café da manhã, no almoço, e no jantar. Depois o diabo te espeta até o fogo infernal, e lá você irá dormir. No americano, é igual, só que ao invés de uma lata, você terá que comer somente um pires.

O infeliz não pensou duas vezes, e foi para o inferno americano.

Chegando lá, reparou que estavam todos cabisbaixos e tristes. Enquanto isso, no outro lado do muro, ouvia-se um som de pagode, muitas gargalhadas, enfim, uma festa muito animada. Não se contendo, o infeliz sobe no muro e chama alguém.

– Ei, como vocês conseguem festejar? Aqui o pessoal come um pires de merda e vive triste, enquanto vocês comem uma lata de 20kg e vivem dando risada!

– Bom, é que aqui é Brasil, né? Um dia falta lata! No outro falta merda! No outro, o diabo não vem! No outro é feriado! No outro, falta lenha pro fogo e assim vai. É só festa! (<http://www.humortadela.com.br/piadas-texto/31103>)

Mas, cuidado! Se queremos evitar o estereótipo e a generalização indevida, devemos lembrar também que este mesmo brasileiro é quem faz da um espetáculo de organização incomparável, de fazer inveja aos suíços: quatro ou cinco mil integrantes da escola de samba desfilam por mais de uma hora na avenida, sem o atraso de sequer um segundo em toda a evolução!

Ou o sério trabalho de anos de perseverante preparação, que levou o voleibol brasileiro ao topo do ranking mundial. Ou os quase 30 anos do perseverante trabalho da Dra. Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, que acompanhou quase 2 milhões de crianças e 1,5 milhão de famílias pobres em 4060 municípios brasileiros! Etc.



“Vila Isabel” – campeã 2013

A improvisação. A malandragem. No futebol, a ginga, o drible, são tão apreciados quanto o gol. Não é raro que o jovem Neymar arranque aplausos da torcida adversária pela genialidade e estilo lúdico de jogar. Mas foi Ronaldinho (sempre o diminutivo) Gaúcho que protagonizou, em 13/12/13, um lance antológico de “esperteza” (vídeo em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/02/lance-de-ronaldinho-gaucha-ajuda-o-atletico-mg-vencer-sao-paulo-na-libertadores.html>):

O jogo estava paralisado para atendimento médico a Junior Cesar. Neste instante, Ronaldinho pediu um pouco de água a Rogério Ceni, que cedeu sua garrafa ao adversário. Mas, no recomeço da partida, o atleticano seguiu sozinho pela esquerda da área. Ao receber o arremesso, Ronaldinho foi à linha de fundo e cruzou para Jô mandar para as redes. (<http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-02-14/ronaldinho-relata-sorto-em-lance-do-1-gol-e-rogerio-ceni-lamenta-desatencao.html>)



O jornal inglês *The Sun* deu destaque ao episódio:

Ronaldinho, the Brazil legend is best known for his skills and trickery but his assist for Atletico Mineiro’s opener against Sao Paulo was surely one of his cheekiest ever. ([www.thesun.co.uk/sol/homepage/sport/football/4795208/Ronaldinhos-got-some-bottle-check-out-this-cheeky-assist.html#ixzz2L61tM3Bn](http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/sport/football/4795208/Ronaldinhos-got-some-bottle-check-out-this-cheeky-assist.html#ixzz2L61tM3Bn))

O que impera na convivência é a suavidade e, assim, expressões de elevada afirmação como: “Com certeza!”, “Ôôôôpaa!” (que é um sim enfático), “pode deixar” “tamos aí” etc. podem significar, pura e simplesmente, um rotundo não, que o F quer evitar. Um convite descabido: “Você vai na cerimônia de formatura da minha sobrinha neta, daqui a três meses?”, obterá como resposta um “Com certeza!”. Naturalmente, o convidado não irá nem telefonar para desculpar-se pela ausência; o que importa é que, no momento do convite, poupou o interlocutor do desgosto de ouvir um não.

Talvez todos no Brasil já tenham presenciado cena parecida com a que vi nas últimas eleições. No colégio em que se vota, é comum reencontrar conhecidos do bairro e ruidosos cumprimentos e abraços: “Você sumiu?” “Pois é, eu mudei para outro bairro, mas meu título de eleitor ainda é daqui. Mas faço questão que você apareça lá em casa para um café”. “Ôôôpaa! Vou sim. Um abraço e lembranças a todos.”

Ninguém se surpreende com o fato de que o novo endereço não foi informado nem pedido... Não está em jogo a realidade da visita, mas uma mera manifestação verbal de apreço pelo outro.

O lúdico e a atitude não agressiva (mesmo a agressividade pode ser disfarçada). Já se disse que a capoeira é a objetivação do escravo, proibido de praticar lutas (e os golpes de capoeira podem ser muito contundentes), “joga” ou “brinca” capoeira e que, de algum modo, é válida para o brasileiro em geral. Como diz mestre Veiga:

Naturalmente, há diversos níveis de "capoeirismo", adaptados aos diversos graus de "encurralamento" social... Em qualquer caso, essa malícia para a luta, essa arte enquanto técnica, encontra uma representação simbólica no jogo entre amigos, que brincam capoeira (agora transformada em arte mesmo), entre ritmos, danças e cantos:

"Água de beber. É Água de beber camarada..."

A estética substitui a violência e, também nesse sentido, pode-se falar de uma educação pela capoeira, independente de qualquer propósito de defesa ou ataque. Sobrevive a capoeira mesmo fora de um contexto de escravidão: ela, por assim dizer, ganha vida própria e emancipa-se das desumanas situações que lhe deram origem.

(<http://www.hottopos.com.br/videtur9/capoei.htm>)



#### 4. O brasileiro instala-se no neutro

Uma das claves de linguagem para compreender o brasileiro é o neutro<sup>6</sup>. Neutro aqui entendido não como um terceiro gênero, mas como uma tendência à indeterminação. Indeterminação que evita fechar compromisso e, por outro lado, pode preservar bater de frente no convívio social. Embora desprovido gramaticalmente do neutro; o brasileiro reinventa-o, com uma criatividade de causar inveja a um Platão ou a um Tomás de Aquino, que possuíam o neutro como fato natural em suas línguas.

Gramaticalmente (ou não), o neutro ocorre quando nos remetemos a um plano mais amplo, no qual as diferenças, determinações e precisões não interessam. O exemplo é de Mariás: sete pessoas em um elevador, a porta está fechando para subir e chega correndo um oitavo passageiro, que ouve a delicada recusa: “Desculpe, não há mais lugar: já somos sete”. Este “sete” é o neutro: para efeitos de lotação não interessa se esse oitavo passageiro é homem ou mulher, democrata ou republicano; branco ou negro; humano ou *alien*...

---

<sup>6</sup> Para um estudo mais completo sobre o neutro: <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>

Se nosso provérbio que exige rigorosa determinação é “pão, pão; queijo, queijo”, o brasileiro (sobretudo o de Minas Gerais) inventou o pão de queijo, um verdadeiro campeão de preferência nacional: é pão e é queijo; não é pão nem queijo; é ambos e nenhum, ou sei lá, que importa? *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

A indeterminação é mais segura, menos presunçosa, não comprometedora. Como na piada do mineiro, campeão nacional do neutro (“mineirice” significa indeterminação, “neutrice”):

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro...e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

- É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora<sup>7</sup>” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto”; o que no país de vocês é “*at the moment*”! O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

Quantas brigas de casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes preferências de determinação dos cônjuges: a resposta de um deles ao celular: “calma, estou quase chegando!”, bem que poderia - queixa-se o outro - ser substituída por algo mais determinado, como “já estou na esquina da padaria” ou “no máximo em três minutos de relógio eu chego aí” etc. Eu gosto da forma “minutos de relógio” – calcada no inglês *o'clock* – para fugir do neutro, uma vez que “um minutinho”, “três minutinhos”, “dez minutinhos” etc. não significam nada nestes trópicos. O uso do neutro pode ser uma arte cruel: no carro, ele (ou ela) atende o celular e não deixa transparecer, em nenhum momento da conversa, com quem está falando, para desespero do cônjuge. Não custava nada em vez de “Ah, que bom falar com você (?)”, dizer: “Bom dia, Mendonça, que bom falar com você” etc.

Indeterminação do espaço, por formas carregadas de subjetividades: “é pertinho”, é “logo ali” etc.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de “fazer média” (sugestiva gíria que indica querer agradar lados opostos), “ficar em cima do muro”: ninguém sabe o dia de amanhã, vai que num segundo turno se venha a necessitar de um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Daí, para o estrangeiro, a perplexidade entre as incríveis alianças políticas de opostos, que ocorrem no Brasil...

Embora o brasileiro tenda a ser extrovertido, barroco, e mesmo bombástico na expressão religiosa, a padroeira nacional, Nossa Senhora Aparecida é discreta e quase neutra: não se distinguem as feições da minúscula imagem...

---

<sup>7</sup> Daí que, na gíria, “da hora” signifique bom, excelente...



As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa - incrível, para os estrangeiros! - instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso humorista Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?” - É feriado?- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Um exemplo particularmente interessante de indeterminação dá-se com o nosso “devo”, que o inglês diferencia em cerca de meia-dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a universidade amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito indeterminado. Como traduzi-lo para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei “devo ir”, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O neutro, banido da gramática de nossa língua, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira.

Quando Buarque de Holanda cunhou a expressão “homem cordial” para caracterizar o brasileiro, não se referia somente ao lado positivo, mas é a mesma “cordialidade” que está por trás de formas tupiniquins de corrupção, conchavos etc. E mesmo de maledicência. Em vez de sair agressivamente insultando Fulano, emprega-se a – muito mais perigosa – e “inocente” forma neutra: “Fulano, qual é a dele, hein?”. “Qual é a dele?”, puro neutro, indeterminado que engloba todos os campos: qual é a atitude, a postura, a seriedade profissional, a preferência sexual, ambição, etc. Se houver no grupo algum sentimento latente contra Fulano, alguém – ainda no neutro – dirá “É, não sei não...” (que claramente significa: sabemos que há algo). E outro ajuntará: “Numa boa, eu gosto muito dele, adoro ele, mas a gente também não é cego...”. O neutro “numa boa” (numa – o quê? – boa) é uma espécie de licença para matar (eu falo porque só quero o bem dele), ainda mais seguido de “adoro ele” etc.

A gíria também prefere o neutro como vocativo: “chefia” (mais amplo que “chefe”), “amizade” (em vez de “amigo”), “malandragem” etc.

O “a gente” exerce várias funções: sendo ao mesmo tempo neutro e tendendo ao *approach pessoal*, em nossos usos de “gente”. Na Espanha, *la gente* indica a pluralidade genérica; no português esse uso<sup>8</sup> dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo que chama a atenção (também para o que evoca incredulidade), e sobretudo ante a falta de virtude humana: “Gente! Que maldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: “Gente do céu!”. Esses apelos a entranhas de humanidade são sucesso garantido no Brasil.

A pluralidade anônima de *la gente* é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). Por isso, quando na discussão sobre “qual é a de Fulano”, alguém diz “... a gente também não é cego”, este “a gente” não pode ser univocamente restrito ao falante, mas – neutramente – pode ser o grupo todo ou mesmo a humanidade inteira...

Neutro é o “jeito” - pode e não pode; dá e não dá; e se não der de jeito nenhum, talvez com um “jeitinho”. Neutra é a nossa “saudade”, mais complexa do que a elementar dor da ausência, facilmente apreensível por todas as línguas. Um bom tema para nossa discussão.

## 5. O lúdico brasileiro

O quadro se amplia quando unimos a perspectiva pessoal da linguagem a outro aspecto imperativo para o brasileiro: o lúdico. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava um epíteto rimado da garotada: “Colégio Estadual Brasília Machado”, entra burro e sai tapado! “Colégio Estadual Vila Clementino”, entra burro e sai cretino! Etc.



Estamos tão acostumados ao lúdico que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?!!

---

<sup>8</sup> Como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”.

Ou, como noticiou a imprensa a propósito dos problemas no aeroporto de Goiânia e sua pretensa solução: uma gambiarra pomposamente intitulada Módulo Operacional Provisório, que até sigla ganhou: MOP. Mas o povo e o próprio superintendente da Infraero referem-se a ele como “o puxadinho”:

“A solução para tantos problemas está em construção e tem um nome técnico: Módulo Operacional Provisório, mas ganhou o apelido de puxadinho entre passageiros e na própria Infraero, que administra o aeroporto de Goiânia. ‘Nós esperamos que no prazo máximo de 150 a 160 dias o **puxadinho** esteja ponto. Isso vai ampliar em quatro vezes a área de embarque, que hoje 400 metros quadrados. Vamos para 1,6 mil metros quadrados’, garante André Luiz Marques de Barros, superintendente regional do Centro-Oeste da Infraero”. (Programa “Bom dia Brasil”, da rede Globo, 18-04-2011, <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/04/obras-atrasam-e-infraero-constroi-puxadinho-no-aeroporto-de-goiania.html>)

O lúdico mostra-se também em piadas prontas e fórmulas feitas, repetidas por vezes à exaustão: se se serve um pavê de sobremesa, inevitavelmente algum dos comensais dirá a surrada piada: “Mas é *pa vê* ou *pa comê*?”. Se se pergunta se vale a pena, evoca-se o pobre do Pessoa: tudo vale a pena, se a alma não é pequena... E por aí vai: “longo e tenebroso inverno...”, “resumo da ópera”, “muita calma nessa hora”, “com tudo a que tem direito”, “estamos junto e misturado” etc.

O lúdico atinge limites imprevisíveis. Até em casos de enchente, chegamos, por vezes, a encontrar na TV, entre as vítimas, um toque lúdico em meio à desgraça. Como diz o certo e intrigante verso de Chico e Vinicius: “a alegria que não tem onde encostar”, da canção – toda ela uma reflexão sobre o Brasil – “Gente Humilde”.



Tem certos dias em que eu penso em minha gente  
E sinto assim todo meu peito se apertar  
Porque parece que acontece de repente  
Como um desejo de eu viver sem me notar  
Igual a como quando eu passo no subúrbio  
Eu muito bem, vindo de trem de algum lugar  
E aí me dá como uma inveja dessa gente  
Que vai em frente sem nem ter com quem contar  
São casas simples, com cadeiras na calçada  
E na fachada escrito em cima que é um lar  
Pela varanda flores tristes e baldias

Como a alegria que não tem onde encostar  
E aí me dá uma tristeza no meu peito  
Feito um despeito de eu não ter como lutar  
E eu que não creio, peço a Deus por minha gente  
É gente humilde, que vontade de chorar

Falando da Bahia e dos baianos (e do Nordeste e do Brasil em geral), Julián Mariás fala da alegria como vocação (“no mercado de Olinda, que é um mercado pobre, há mais alegria que em toda a Suíça!”) e diz que até viu alguns baianos tristes: “Mas percebi que o estavam também porque *pretendiam* a alegria, porque sentiam que era algo que lhes pertencia e lhes tinha sido alienado. Isto é o que é decisivo e evidente: os baianos têm *vocação de alegria*, que lhes parece ao mesmo tempo seu direito e seu dever” (*Hispanoamérica*, Madrid: alianza, pp. 226-227).

Alegria brasileira que se expressa, transborda no indefectível sorriso de um Martinho da Vila, do recém falecido Emílio Santiago ou de um Neguinho da Beija Flor (mesmo na grave doença)...

O estrangeiro no Brasil deve prestar especial atenção a um outro esporte nacional difundidíssimo: as piadas de duplo sentido, de fundo sexual. Cuidado ao usar os verbos “dar” (segundo sentido: entregar-se sexualmente), “comer” (*to fuck*) etc.



Um par de exemplos entre milhares. Mônica Iozzi, repórter de um bem humorado programa semanal, entrevista – em um coquetel que premiava os políticos mais atuantes – o senador Eduardo Suplicy, tido como um dos mais íntegros políticos brasileiros. Durante a entrevista, ele recebe um tipo de torta, chamado “escondidinho”.

M: “- Até na hora da comida, o político come escondidinho também”  
[com o duplo sentido: os políticos se saciam ocultamente...]  
[O senador dá um pedaço à repórter e diz:]  
S: “Eu quero lhe dar uma boa comida”  
(Cf minuto 4 e ss. : [http://arquivocqc.blogspot.com.br/2011/11/monica-  
iozzi-no-premio-congresso-em.html#.TsKrn\\_2yORU.facebook](http://arquivocqc.blogspot.com.br/2011/11/monica-iozzi-no-premio-congresso-em.html#.TsKrn_2yORU.facebook))

Certamente o pobre senador, conhecido também por sua ingenuidade, queria dizer: “Os senadores queremos oferecer a vocês da imprensa *good food*” e foi o único brasileiro que não reparou no desastrado outro sentido – Eu quero f\* você intensamente.

Uma peça de publicidade da cerveja Skol em garrafa pequena, zomba de nossa tendência ao diminutivo, ao mesmo tempo que faz piada de duplo sentido:

“Skol 300 ml. Você traz a garrafinha vazinha, leva a cheinha e só paga pelo liquidinho. Alguém tem alguma duvidinha?”

- E eu que sou barbeiro?

- Boa pergunta, seu barbeirinho...

- E eu que sou professora?

- Boa pergunta, professorinha...

- E eu que sou médico?

- Boa pergunta, seu *medicozinho* [cuzinho = *little ass*]; quer dizer..., senhor grande médico.

(<https://www.youtube.com/watch?v=7-k1aKhxqyI>)

Como sofria aquela ingênua professora, que desconhecendo a malícia da ambiguidade, ao servir às visitas uma famosa marca de vinho português, disse: “Hoje é um dia especial e quero oferecer para vocês *Periquita...*” ou ao distribuir doces às crianças, um para cada um, exortou o aluno que tinha retido duas: “Caio, você tem que dar a *rosquinha* para seu coleguinha...”.

A maior parte dos shows de humor na TV vivem dessas batidas piadas popularescas, repetidas semanalmente e, por vezes, ao longo dos anos. A regra é ocultar a ordinarice, não explicitar o chulo, como se ele não estivesse por demais evidente.

Essa hipocrisia se estende também às legendas dos filmes, nas quais há uma espécie de tabu para com os palavrões, de resto, tão usados como em qualquer outro país. Ou mais: até o dicionário Aurélio registra como segundo sentido de “filho da puta”, o paradoxalmente elogioso: “*O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar*”.

O lúdico e as piadas se estendem a tudo: naturalmente ao futebol (quando se consolidou o Nordeste, Copa do Nordeste, inspirado na Liga dos Campeões da Europa, já foi imediatamente apelidada de *Lampion's League*), apelidos para as novas gripes (a “gripe Sarney”: pega um e leva a família inteira), para cheques sem fundo<sup>9</sup> (no dia seguinte ao meteorito que caiu na Rússia, nos Urais, 15-02, José Simão já registrava o “cheque asteroide”: “passa voando e, quando cai, provoca um rombo!”) etc., até à imagem da pátria. O brasileiro é “patriota” no que se refere a futebol e a esportes, mas, em geral, tem bem menos envolvimento nacionalista... Não estão em nossa memória viva as (poucas) guerras e não reverenciamos heróis militares.

Da minha infância – isto foi antes da ditadura militar e relativamente perto da Segunda Guerra mundial – lembro-me que havia inúmeras piadas de “patriotismo” do brasileiro, em comparação com outros povos, como a seguinte:

O general brasileiro em visita à Alemanha, ouve o colega dirigir-se ao regimento:

- Quem quer morrer pelo pátrrrria?

- Imediatamente, um soldado dá um passo à frente, puxa da arma, põe o cano no ouvido, dispara enquanto diz: *Ja, mein Generrrall!*

O mesmo ocorre na França... e quando os colegas vêm ao Brasil, o general brasileiro dirige-se ao pelotão:

- Quem quer morrer pela pátria?

(Silêncio)

---

<sup>9</sup> Quando há altos índices de inadimplência, surgem novos apelidos para os cheques: Cheque-capim: só burro aceita. Cheque-mendigo: tá sempre descoberto. Cheque-canja: só pode ser dado de noite. Cheque-peixe: chega no caixa... e nada. Etc.

- Um voluntário para morrer pela pátria, dê um passo à frente!  
(Todos dão um passo para trás)
- Muito bem. Eu vou jogar esta pena de galinha para o alto, em cima de quem ela cair, esse vai se matar pela pátria...  
(O regimento está soprando a peninha até agora...)

Aprendíamos melhor as paródias do que os hinos, como no Hino do Exército: “porém se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos sem temor”, que para a criança era: “porém se a pátria amada precisar da macacada, puta merda que cagada!”. E ao visitar o Museu do Ipiranga, aprendíamos que o compositor do Hino da Independência, o próprio D. Pedro I, teve que mudar rapidamente o verso: “Já podeis filhos da Pátria...” para “Já podeis da Pátria filhos”, para prevenir o inevitável complemento de “filhos da...”.

Nem os hinos religiosos escapavam das paródias. O clássico católico da época: “O meu coração é só de Jesus / E a minha alegria é a Santa Cruz” virava: “O meu coração é só de Jesus / E o meu pulmão é da Souza Cruz” (fabricante de cigarros...).

Não se trata de desamor à Pátria (nem de blasfêmia): é o irresistível espírito lúdico, junto com um acolhimento e valorização do estrangeiro, especialmente do americano... Pais pobres, de muito pouco estudo, dão a seus filhos nomes “estrangeirados”, de preferência com a letra W: Maixwell, Wóxinton, Valdisnei (Walt Disney), Creito (Clayton) etc. Quando uma pessoa escolhe seu nome artísticos, a tendência é duplicar Ls e Ts para afetar estrangeirice... E a padaria de Santana de Parnaíba é “Parnaíba’s Center”...

Exceção feita ao futebol, à novela da noite e aos sucessos musicais do momento, temos poucos referenciais comuns a todos os brasileiros, o que dificulta uma ligação mais profunda com “a Pátria” (a ligação com o futebol é tão intensa que ele fornece dezenas – ou talvez centenas... – de metáforas vivas para todos os aspectos da vida: amoroso, empresarial, político etc.) Ao contrário dos muçulmanos, não temos um livro sagrado que todos conheçam realmente; não temos clássicos de literatura que todos tenham lido; nem memória viva da história e de heróis... A isto se junta uma desconfiança ancestral em relação ao governo e o cidadão – massacrado por séculos pela pesada e invencível burocracia estatal – não se sente respeitado como tal. Se ele infringe alguma norma de trânsito é punido com severas multas e pontos na carteira. Mas o governo é o primeiro a não cumprir sua parte, por exemplo fazendo proliferar lombadas e quebra molas, proibidos pelo próprio Código de Trânsito Brasileiro:

**Art. 94.** Qualquer obstáculo à livre circulação e à segurança de veículos e pedestres, tanto na via quanto na calçada, caso não possa ser retirado, deve ser devida e imediatamente sinalizado.

Parágrafo único. É proibida a utilização das ondulações transversais e de sonorizadores como redutores de velocidade, salvo em casos especiais definidos pelo órgão ou entidade competente, nos padrões e critérios estabelecidos pelo CONTRAN.

Via de regra, o brasileiro não gosta de enfrentar, não fará revoltas abertas. Um caso clamoroso de desrespeito, como o acima, é ignorado pela população (talvez dominada pelo sentimento de que é inútil resistir...). Não é de estranhar que haja um pouco desenvolvido sentido do bem público – nossos 500 anos de “estado patrimonialista”.

Todos se queixam das enchentes, mas não deixam de lançar o lixo à rua ou aos rios... Fato significativo nesse sentido é o significado adicional que adquiriu o verbo “alugar”: incomodar ou maltratar alguém.

## 6. Diminutivos e outras formas gramaticais (ou não) do ESFP

Como dizíamos, a linguagem revela a realidade antropológica. No clássico *Raízes do Brasil*<sup>10</sup>, ao analisar o brasileiro como “homem cordial” e suas virtudes (e, claro, também as disfunções...), que “são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (e não “boas maneiras” ou civilidade...), Sérgio Buarque de Holanda faz esta importante sugestão: “Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas a esse respeito”. O próprio autor ilustra o caráter revelador da linguagem com:

Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. (ed. cit.)

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçãozinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

Por influência africana, o diminutivo para nós serve até de aumentativo: quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Já em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre exemplifica o lado doce do brasileiro com a colocação pronominal:

Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o ‘modo duro e imperativo’: *diga-me, faça-me, espera-me*. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere*. Modo bom, doce, de pedido.” (ed. eletr.: [www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/textos/casa.doc](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/textos/casa.doc))

Na linha de buscar a suavidade do brasileiro em formas de linguagem, uma das mais notáveis realizações foi a de criar também um segundo modo para o frio e duro verbo “ter”. A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas *light* correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva do latim *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar), segura e não larga.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”. Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como

<sup>10</sup> Citei pela ed. eletr. <http://filosofia-brasileira.cefib.blogspot.com.br/2013/01/sergio-buarque-de-holanda-cap.html>.

também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o guia da cidade, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o guia da cidade?”.

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, fiebre...*). O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

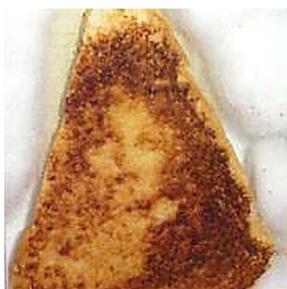
Também no caso da religião – e o brasileiro é exageradamente religioso –, prevalece o emotivo. Diz Sérgio Buarque de Holanda:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Teresa de Lisieux — Santa Teresinha — resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo. (ed. cit.)

Muitos – espíritas ou não – se orgulham de possuir dons de premonição, sonhos portadores de avisos etc., e a atitude dos que são advertidos por esses oráculos é no mínimo: “mesmo que eu não acredite, eu não abuso”.

Lembro-me, por exemplo, de como David Letterman se divertiu com a torrada que tinha “milagrosamente” estampada a imagem da Virgem Maria e que foi leiloada por U\$ 28000 no site e-Bay (<http://news.bbc.co.uk/2/hi/4034787.stm>). O católico sério anglo-saxão certamente terá apoiado a ridicularização dessa fraude. Mas é difícil imaginar algum apresentador brasileiro – seria considerado ímpio! – esculhambando um fraudulento “sinal” religioso, digamos, a “folha” de Nossa Senhora”. Se prestarem atenção aos adesivos nos automóveis, encontrarão frequentemente um terço com Nossa Senhora, que, segundo a lenda (surgida no início deste século), teria sido elaborada em uma folha de árvore por formigas.

Quando escrevi um artigo sobre a não existência do popular S. Expedito (fabricado por interesses financeiros) fui repreendido por católicos cultos por estar atentando contra a fé do povo. ([www.hottopos.com/convenit10/19-26Jean.pdf](http://www.hottopos.com/convenit10/19-26Jean.pdf))



Sonhos e sinais são frequentemente associados ao jogo do bicho (aliás, ilegal, mas ninguém se importa com isso) e há toda uma exegese para identificar o bicho que sairá vencedor: se se sonha com a sogra, deve-se jogar na cobra; se com lésbica, no jacaré etc. O jogo do bicho, autêntica paixão nacional, estabelece também a correspondência entre animais e sonhos, como no caso do veado (cujo segundo sentido é “gay”), que é o número 24 e esse número tornou-se sinônimo de gay. No meu tempo, era um terror o primeiro dia de aula para os meninos cujo primeiro nome começava com letras J, L, M ou N, porque o 24 na lista de chamada iria sofrer bullying ao longo de todo o ano. Por incrível que pareça as escolas nunca tiveram a iniciativa de excluir esse número das listas, pulando simplesmente do 23 para o 25. Jogadores de futebol usam camisas com todos os números, menos com o fatídico 24...

No oceano sentimental da religiosidade do Brasil (o Brasil é “franciscano”, segundo Freyre; espírita, segundo outros; e, em qualquer caso, tendente ao sincretismo) não é de estranhar que o *medium* Chico Xavier tenha sido eleito, em um longo concurso na TV, “o maior brasileiro de todos os tempos”, com mais de 70% de votos do público por Internet e SMS.

Religiosidade insaciável. Em um processo por homicídio, em 1985, um juiz de Campo Grande aceitou que a defesa apresentasse “cinco cartas psicografadas pelo médium Chico Xavier, nas quais a vítima dá a entender que a arma disparou acidentalmente. O júri o absolveu, mas a sentença foi anulada por recurso da promotoria, que quer condenação por homicídio doloso” (“Marido das cartas psicografadas volta a júri”, *O Estado de S. Paulo*, 6-4-90, p. 16).



Chico Xavier psicografando

Em outro júri de homicídio, um juiz de Gurupi-GO, em 1987, convocou Chico Xavier como testemunha (não como testemunha ocular, mas mediúnica!!), pelo fato de o médium ter recebido mensagem do além da pretensa vítima (“Testemunha do crime: o médium”, *O Estado de S. Paulo*, 25-3-87, p. 17). E o “Jornal Espírita” comentou essa notícia em matéria de primeira página: “Haverá de chegar um tempo em que os espíritos poderão vir do ‘lado de lá’ - com o aval das autoridades - consertar tantas injustiças” (Ano XI, No. 143, Maio de 1987).

E, como base para nossa discussão, outro clássico sobre a religião do brasileiro: a fala de Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. (<http://stoa.usp.br/carloshgn/files/-1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>)

Religião (ou superstição, ou misto de ambos) é sempre prato cheio para o brasileiro, especialmente associada à paixão do futebol, no qual sempre é bem vindo o auxílio de Deus, santos ou entidades (o jocoso provérbio diz: “Se macumba resolvesse, campeonato baiano terminava empatado”). Durante muitos anos, um grande clube como o Vasco da Gama, manteve em seu quadro de funcionários Pai Santana, pai de santo (e massagista...), encarregado de trabalhos contra os rivais.



O pai de santo tinha vários rituais famosos, como acender velas no vestiário e estender uma bandeira do Vasco no gramado, se ajoelhar e beijá-la. Ele também costumava usar sempre roupas brancas. Uma história conhecida dá conta de que Pai Santana teria descido de helicóptero na Gávea e colocado um “trabalho” no campo do rival. Em seguida, o Vasco sagrou-se campeão carioca de 1977 na decisão por pênaltis. (<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/11/ex-massagista-do-vasco-pai-santana-morre-aos-77-anos.html>)

Embora seja um caso isolado, um feiticeiro chegou a processar o Internacional por não lhe pagar os “serviços” prestados na disputa contra o Grêmio:

O processo número 01598148052 deu entrada no Quarto Juizado Especial Cível de Porto Alegre no dia 23 de setembro de 1998, sendo autor Sérgio Ruggini, “que trabalha como feiticeiro especializado em trabalhos de feitiçaria para jogos de futebol” (processo p. 0001) e réu o Esporte Clube Internacional. Tratava-se de uma ação de cobrança, pois “no penúltimo campeonato gaúcho (1997) o autor foi contratado pelos réus para segurar o Grêmio na última partida do campeonato, saindo o Inter campeão com o gol do Fabiano. Quando foi buscar o dinheiro acordado entre as partes recebeu informação dos réus que não pagariam” (idem). (<http://www.usp.br/revistausp/46/10-arioro.pdf>)

Cansada das exibições religiosas da seleção brasileira, como a comemoração da conquista da Copa das Confederações de 2009 a Fifa, finalmente, decidiu proibir “comemorações religiosas” nos jogos de futebol (Cf. [www.estadao.com.br/noticias/impreso,fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm](http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm))



Para não falar da (não de todo surpreendente) recente notícia de que o mais perigoso criminoso do país, condenado a 200 anos de prisão, foi aprovado no vestibular e está cursando (“a distância”, naturalmente) faculdade de teologia. Danilo Gentili (não podia faltar piada) comentou: “até o Fernandinho Beira Mar se ligou que recolher o dízimo dá mais dinheiro do que vender drogas” (<http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=danilo-beiramar-viu-que-dizimo-da-mais-dinheiro-que-drogas-04024D1C3470C8994326&idTagService=29315&tagIds=4893&orderBy=mais-recentes&edFilter=editorial&time=all&currentPage=1>).

## 7. Ainda o fator F

Sérgio Buarque de Holanda fala também da abordagem pessoal do brasileiro:

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo. (ed. cit)

O aspecto F é tão acentuado entre nós, que em reportagem do “Jornal Nacional” sobre a “invasão” de trabalhadores estrangeiros no Brasil (e suas dificuldades de adaptação), um deles, funcionário de um banco, relatava a dificuldade que encontrava em expor sua vida pessoal aos colegas de trabalho:

Em um lugar como Nova York há uma clara divisão entre o que é sua vida profissional e sua vida pessoal: quanto mais rápido você se adaptar a isso, melhor será para sua vida profissional (<http://g1.globo.com/videos/jornal-nacional/t/edicoes/v/numero-de-estrangeiros-trabalhando-no-brasil-cresce-quase-20-em-2011/1598559/>)

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão”. Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Não devemos estranhar, portanto, a falta de pontualidade, que tanto choca estrangeiros e torna a vida impossível para quem não conhece os códigos. Se um encanador disser, por exemplo, “amanhã eu dou uma passadinha aí” é inútil tentar arrancar dele uma hora exata: ante a insistência, ele acabará “aceitando” a hora imposta, mas simplesmente não comparecerá no horário agendado. É proverbial também a tendência a deixar tudo para a última hora: todos os anos repete-se a mesma correria e congestionamento do site da Receita Federal: cerca de 15% dos contribuintes deixam para o último dia a entrega da declaração do Imposto de Renda...

## 8. O F: emoções, susceptibilidades, críticas

Por outro lado, dado esse lado F, tão vigente no Brasil, não é raro encontrarmos, no setor de serviços, profissionais de altíssimo nível no relacionamento humano: simpatia, atenção, carinho mesmo pelo cliente, que mais que um cliente, é um amigo. Isso já lhes vem dado de família e, se unem a esse lado humano a competência técnica, isso os situará entre os melhores do mundo.

Mas, cuidado! O brasileiro é muito susceptível: qualquer falta de atenção pessoal, uma crítica sem mil atenuantes, etc. podem gerar melindres irreparáveis (que dificilmente se externarão de modo verbal, mas que se manifestam precisamente pelo emudecimento ou pela ausência...).

É uma cultura da mágoa, tão arraigada, estendida e vigente, que, se alguém pela forma direta de falar fere o interlocutor, deve empenhar-se ao máximo para desfazer o agravo.

Esses sentimentos foram muito bem capturados na peça publicitária dos postos Ipiranga (abril – 2011), impensável em países como a Espanha, Alemanha ou Japão. Dois atendentes conversam sobre as vantagens das promoções da firma: um deles tem a (ridícula) ideia de oferecer aos clientes maçãs do amor; o colega o comenta de forma direta (com naturalidade e sem agressividade propriamente): se a rede Ipiranga, oferece tais e tais vantagens e prêmios etc.: “Você acha que alguém vai querer isto aqui? [a maçã do amor]”.



O outro nada diz, toma a maçã da mão do colega, não responde e retira-se emburrado: como é usual no Brasil, uma crítica objetiva é tomada como ofensa pessoal. O colega dá-se conta do problema (“Xi, magoou”) e apressa-se a ir atrás do agravado, apressando-se a dizer que maçã do amor é uma ótima ideia, que ele mesmo quer comprar uma etc.



<https://www.youtube.com/watch?v=jd52jFLsWS0>

É preciso tomar imenso cuidado para apresentar qualquer crítica, interpelação, correção a um subordinado de condição humilde, uma empregada por exemplo. Em muitos casos (e sinceramente), ela evitará a discussão sobre a questão objetiva e invocará – talvez com choros – aspectos de sua situação de (real) sofrimento na vida: invertendo a culpa e transformando o patrão em carrasco.



É uma cena antológica de “Trair e coçar é só começar”, comédia que está há 27 anos ininterruptos em cartaz (cerca de dez mil apresentações e 6 milhões de espectadores)! A atrapalhada empregada Olímpia, com as melhores intenções, arma graves problemas para a família e, quando, o patrão a interpela, ela tenta desconversar e atalha a discussão chorando: “Ai, Dr. Eduardo, não faz isso comigo, não. Não me encosta na parede porque eu sofro dos nervos...”.(ver minuto 40 e ss. do vídeo do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=gyq6rLVe2U>)

Essa atitude de medo é compreensível: afinal, são séculos de opressão de negros, indígenas e pobres e, ainda hoje, infelizmente é comum o arrogante desprezo e agressividade com que muitos brasileiros ricos (sobretudo os novos ricos) e da classe média se comprazem em esbravejar e humilhar os pobres.

Outro fator desconcertante são os eufemismos, que tendem a se absolutizar e excluir o verdadeiro nome das coisas: dificilmente designaremos um homem gordo por gordo, e menos ainda uma mulher! Ela é “fortinha”. “Moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem: com quase 50 anos de carreira, ainda hoje só se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy.



O maravilhoso Quarteto em Cy

Em alguns casos, a “bondosa” atitude de não dizer a verdade (não serei eu a dizer a verdade, não serei eu o portador de uma notícia ruim) chega às raias da crueldade: como o daquele nosso conhecido que passou anos tentando ingressar em um doutorado e ninguém se atrevia a dizer-lhe claramente que ele não tinha chances. Essa atitude de não dizer a verdade que fere está na base da campanha publicitária da Visa (“Posso te falar uma coisa?”) na qual alguém está tranquilamente cometendo uma gafe monumental – comprar um ferro de passar para dar de presente para a esposa no aniversário de casamento ou comprar na funerária flores para a namorada – e a vendedora cria coragem para fazer a advertência, mas acaba é dizendo para não pagar em dinheiro: “Pagar com Visa é muito melhor!”



Nunca diga não. Se um mendigo pede esmola num semáforo e você não quer dar, a melhor maneira de dizer não é: “Ih..., hoje eu estou sem; amanhã sem falta!” ou algo parecido.

Por outro lado, a violência aflora mais facilmente no trânsito e em estádios, situações de anonimato, de impessoalidade.

A emoção. Emocionar-se é quase um valor absoluto. A mais emblemática canção do mais apreciado cantor brasileiro, o “rei” Roberto Carlos, é precisamente “Emoções”: “Quando eu estou aqui / Eu vivo esse momento lindo / Olhando pra você / E as mesmas emoções Sentindo... (..) / Se chorei ou se sorri / O importante / É que emoções eu vivi...” (<http://www.youtube.com/watch?v=fbUSACfeteg>)



O *approach* pessoal. O português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal “sair”; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos - como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP - como o da expressão: “Minha Nossa Senhora!”.

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* (“En Espagne on dine rarement avant 22 heures”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha você não janta antes das dez”.

A aproximação pessoal dá-se no vocativo paulista “Ô meu”. O pronome oblíquo projeta pessoalização: “Não me bata nesse cachorro” (maltratar o cão é maltratar a mim). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a nossa forma de personalização com o artigo (“fala com a Fabiana ou com o Fernando”).

O (ab)uso brasileiro dos diminutivos e aumentativos (e apelidos etc.) unem a perspectiva lúdica com a apropriação pessoal não só de amigos e colegas, mas também de figuras públicas, edificações, instituições etc. Estamos naquela dupla chave a que se referia Gilberto Freyre: a protocolar, formal, dura; e a familiar, pessoal do brasileiro. No futebol, todos são (ou podem ser) chamados por apelidos, diminutivos, aumentativos, primeiras sílabas, gentílicos etc.; mas o árbitro (ou a ainda mais impessoal: “a arbitragem”) é designado por sobrenome e tratado de “senhor”: “tempo esgotado, estamos por conta do Sr. Sálvio Spinola”. E poucos conhecem o Estádio Olímpico João Havelange, mas somente o Engenhão; e menos ainda o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão!

Os diminutivos e aumentativos são regidos por uma lógica oculta, dificilmente apreensível para o estrangeiro, mas conatural ao brasileiro. Se um marido ou um goleiro cumprem exemplarmente o que deles se espera, são potenciados por “maridão” e “goleirão”; já para o juiz de futebol, “juizão” indica abuso da autoridade, não agir de modo digno: “o atacante claramente se jogou, mas o juizão deu pênalti”. E, como dissemos, o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caíndinha por ele”.

É bem conhecida a tendência brasileira – chocante para as *vigências* de muitos países – de contato físico ao cumprimentar um conhecido ou mesmo ao ser apresentado a um estranho: beijos, abraços etc.

Faz parte mesmo da educação das crianças. Lembro-me do esforço de um casal conhecido para conseguir que seu filho de dois anos desse um beijo no “tio Jean”, que os visitava em casa. Após insistentes e inúteis exortações verbais (a situação já estava ficando constrangedora), e mesmo eu dizendo que não era necessário, que deixassem o menino (e o “tio”) em paz, os pais não desistiram: tratava-se de um valor essencial na educação e tiveram que apelar para a *ultima ratio*: subornar o menino com um “TV Centenário”, o famoso docinho de amendoim (a perversa cultura do açúcar, tão brasileira...).

E quanto á vigência da extroversão, já desde o ingresso na escola, quando as crianças, por exemplo, saem de excursão em ônibus, indefectivelmente passarão o trajeto todo debruçadas nas janelas e (para desespero das professoras) ruidosamente conversando aos gritos com os motoristas e pedestres que estejam pelo caminho. Se alguma criança introvertida hesitar em participar, será vista como um E.T.

Nem tudo são afetividades; ha também um misto de curiosidade e *Schadenfreude*, a irresistível contemplação da desgraça alheia, quando ocorrem acidentes. Muitas vezes, mais do que pelo acidente em si, os engarrafamentos são causados pela paradinha que os motoristas dão quando chegam ao local do desastre (e o congestionamento se dá também nas pistas do sentido oposto: pura curiosidade mórbida). Quanto pior o acidente, maior é o tempo da conferidinha e se tem bombeiro no local, aí é prato cheio... Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores. A torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. Mas, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e que sente uma simpatia pelo Tegu desde criancinha...

O católico brasileiro ficou felicíssimo com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade”, feito pelo

sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo” - “Let us offer to each other the sign of peace”.

*Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em questão de um minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom I, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado (em alguns casos, cheirado...), beijado etc. numa explosão de alegria, que, certamente, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor...



Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas. Os estrangeiros sempre se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:

Chaves: - Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: - Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: - O senhor também está brincando de esconder com o Quico?



## 9. Voltando ao Guia do brasileiro no Japão

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseiano do “brasileiro”): o proverbial calor humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica etc.

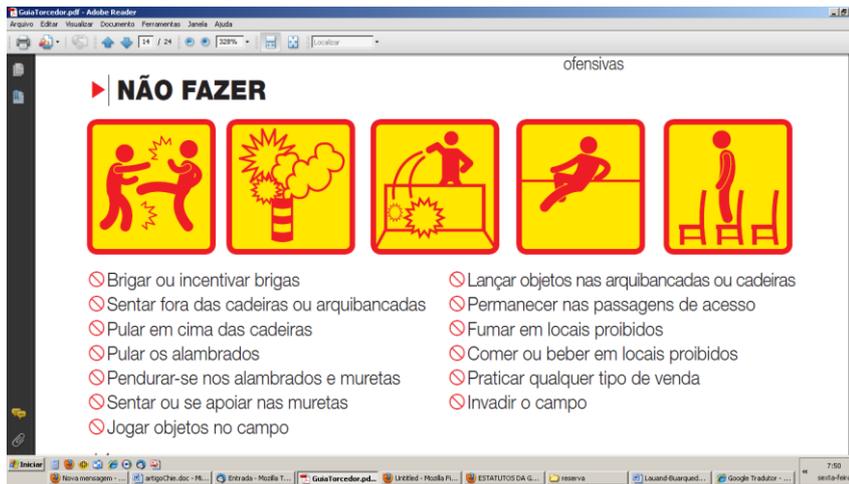
O problema é que há também disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente livro “Entre o trem e a plataforma”, de Lucimar Mutarelli.

Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que lêem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o “exibido” e o “reservado”.

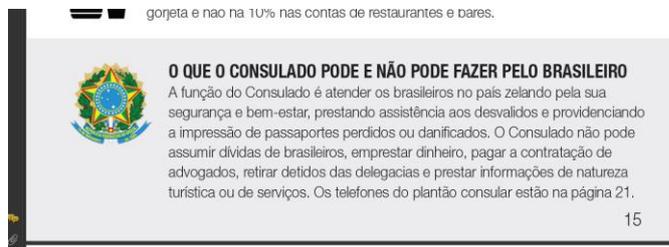
Outra disfunção do ESFP, chocante, no caso, é a tendência a ser “folgado”, a resolver tudo com “esperteza”. Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras disfunções que Keirsey aponta como próprias de nosso tipo SP. Dado nosso acentuado fator F, é muito mais fácil, por exemplo, “furar” uma fila no Brasil do que na América ou na Europa, onde o atrevido seria imediatamente repreendido e energicamente enquadrado. Por aqui, em geral, haverá alguns segundos de hesitação: quem – todos estão irritados com o fato – irá tomar a incômoda iniciativa de iniciar o “conflito”? Provavelmente, haverá antes um certo murmúrio – inicialmente em voz baixa (“Tem gente que não se toca, né?” etc.) – que irá crescendo até que alguém, finalmente, interpele o atrevido. Não por acaso, há diversas formas verbais – “folgado”, “abusado”, “cara de pau”, “espertinho” etc. – para identificar e reprimir os que abusam do nosso lado F.

Se no Brasil, nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona; no Japão, território T e F, não funciona. Daí que por via das dúvidas o Guia, advirta por exemplo: “Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local.”

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio).



Mas a crua clareza do Guia é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas:



Muito obrigado.

Recebido para publicação em 08-03-13; aceito em 07-04-13